

"Professor Walter B. Emery's recent discovery of a remarkable fortress dating from the Middle and New Kingdom at Buhen, 345 kilometers (220 miles) south of Aswan, shows what valuable discoveries may result from archaeological investigations in Sudan. The photograph shows the remains of this fortress, which was built of unbaked brick. Like all the Nubian fortresses, it cannot be moved, and will be submerged by the waters."²

"Another view of the fortress of Buhen, which stands on a cliff overlooking the Nile. As was required in this type of building, it has a chapel where the garrison worshipped its god. In this case, it is a small temple dedicated to Horus, and built 3,000 years ago."³

¹ José das Candeias Sales é Pró-reitor para a Aprendizagem ao Longo da Vida e Director da Unidade para a Aprendizagem ao Longo da Vida (UALV) da Universidade Aberta. Licenciado em História (1985) e Mestre em História das Civilizações Pré-clássicas pela Universidade Nova de Lisboa (1993). Doutoramento (2002) e Agregado (2013) em História Antiga pela Universidade Aberta. É docente de licenciatura, mestrado e doutoramento área da História/ História Antiga. Investigador integrado da linha "História Antiga & Memória Global" do Centro de História da Universidade de Lisboa (CHUL) e investigador associado da linha "A Antiguidade e a sua recepção" do Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar (CHAM) da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores. Tem como domínios de interesse e áreas de investigação: Mitologia, religião e religiosidade dos antigos Egípcios; Ideologia, propaganda e legitimação do poder no Egíto faraónico; Urbanismo, arquitectura e recuperação patrimonial no Egíto faraónico. É Autor de vários artigos e de várias obras sobre o Egíto antigo, em Portugal e no estrangeiro. Como Egíptólogo tem proferido conferências em Portugal e no estrangeiro, organizado cursos de formação sobre temáticas de Egíptologia e orientado cientificamente várias visitas de estudo ao Egíto.

² *Save the treasures of Nubia* 1960, 19.

³ *Save the treasures of Nubia* 1960, 19. O templo de Hórus, em Buhen, templo períptero com colunas "protodóricas", foi concebido por Senenmut, o conhecido arquitecto da faraó Hatchepsut, e, entre 1963 e 1967, com contribuição americana e inglesa, foi transferido para Kartum, capital do Sudão, e aí remontado antes da subida das águas do Nilo, encontrando-se hoje no jardim do Museu Nacional de Kartum. Era dedicado ao deus Hórus de Buhen, uma forma local do Sol. Nas paredes do templo, a par de Hórus de Buhen, surgem, qual corte divina, Amon-Ré, Anuket, Satet, Tot, Ísis, Ísis-Selket, Montu, a tríade Ísis-Osiris, Hórus, a deusa Miket, Neit, Sechat e Banebdjedet, o carneiro de Mendes (Leclant 1986, 273; Damiano-Appia 1999, 74; Säve-Söderbergh 1992, 240, 246; Desroches-Noblecourt 1999, 108, 109 - apresenta planta do templo; Wilkinson 2000, 229 – apresenta planta do templo).

É assim que um relatório fotográfico de 1960, da responsabilidade da UNESCO, destinado a publicitar a campanha de salvaguarda e preservação da herança egípcia superintendida pela organização e a recensar os monumentos, templos, capelas, túmulos, fortalezas e outros edifícios do passado histórico do antigo Egíto que em territórios do Egíto e do Sudão seriam afectados pela construção da Grande Barragem de Assuão, alude directamente à fortaleza de Buhen, descoberta em 1957 pelo egiptólogo inglês Walter Bryan Emery (1902-1971) – vide Fig. 1.

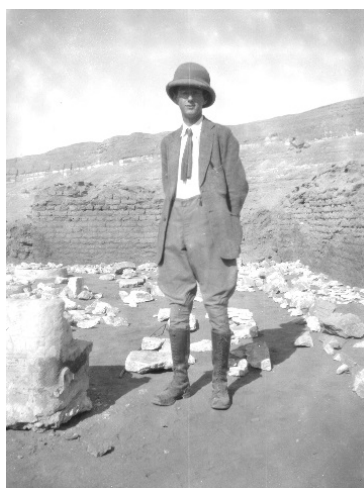


Fig. 1. O egiptólogo inglês Walter Bryan Emery (1902-1971) que descobriu a fortaleza de Buhen, em 1957.

De forma lapidar, as legendas fotográficas elaboradas pelos *experts* técnicos e científicos da UNESCO que, desde 1955, faziam prospecções no terreno reconhecem que seria impossível, ao contrário do que se defendia para outros monumentos (ex.: templos e edifícios de Abu Simbel, Filae, Kalabcha, Dakka, Kertassi, Uadi es-Sebua, etc.), remover e salvar este ameaçado tesouro da arquitectura militar do antigo Egíto. Feita de adobes e com uma colossal dimensão, a fortaleza de Buhen não poderia, realmente, ser trasladada.

No entanto, como muito bem salienta Torgny Säve-Söderbergh, o facto de os materiais de construção da cidade-fortaleza de Buhen serem perecíveis não diminuía a sua importância histórica e cultural:

"Les monuments les plus impressionnants de la Nubie soudanaise étaient de telle nature qu'ils ne pouvaient pas être sauvés des eaux du lac du Haut-Barrage; comme ils étaient construits en briques séchées au soleil, il paraissait évident qu'il était impossible de les transporter, et cette conclusion fut confirmée par les études entreprises. Toutefois, le fait que leurs matériaux de construction étaient périssables ne diminuait pas leur importance historique et culturelle. Les forteresses du Moyen Empire, datant des premiers siècles du II^e millénaire av. J. C., étaient des chefs-d'œuvre de l'architecture militaire qui comportaient certains dispositifs de défense qu'on n'a trouvés nulle part ailleurs avant l'époque des croisades. Ces énormes et curieux monuments ne pouvaient qu'être étudiés et enregistrés par les archéologues; le transfert des fragments architecturaux uniques en leur genre ne survivront-elles que par les relevés et les publications et par les trouvailles que l'on aura pu y faire."⁴

Ignora-se a data exacta da fundação da primeira fortaleza de Buhen, erguida a sul da cidade local do Império Antigo por razões de carácter económico-comercial. Assumindo a sua forma final por volta de 1860 a.C., na XII Dinastia, Império Médio, no reinado de Senuseret III (o mais conhecido faraó da sua dinastia⁵), no local de uma pré-existente fortificação do ano 5 de Senuseret I, atestada por quatro estelas razoavelmente conservadas, a fortaleza de Buhen, situava-se na zona deliberadamente escolhida da Segunda Catarata do Nilo, na Baixa Núbia, antiga fronteira sul do Egípto na época, e fazia parte de uma linha de fortificações que se estendia ao longo das margens do Nilo (sobretudo na margem esquerda ou em ilhotas na zona das cataratas) que integrava também, entre outras, as fortalezas de Kor, Dorginarti, Dobenarti, Mirgissa, Askut, Shalfak, Uronarti, Semna, Semna Sul e Kumma (enunciadas de norte para sul – vide Fig. 2).

⁴ T. Säve-Söderbergh 1992, 163.

⁵ É muito provável que Senuseret III tenha fornecido o principal modelo para o lendário "Sesóstris" de Maneton e de Heródoto que se tornaria um heróico governante do Império Médio e um suposto exemplo a imitar pelos faraós posteriores. Este herói das campanhas núbias foi divinizado e converteu-se mesmo, na XVIII Dinastia, em patrono da região (Waddell 1948, Fr. 36, 71, 72; Heródoto 1985, §§ 102-110, 211-216).



Fig. 2. As fortalezas militares no antigo Egípto.

Destaque para zona da antiga Núbia, onde se situava a fortaleza de Buhen.

Todas estas fortalezas dominavam a Segunda Catarata do Nilo, onde o rio estreita, numa distância de apenas 64 Km, e tinham contacto visual umas com as outras que lhes permitia comunicar entre si (através de sinais de fumo) em caso de eventuais ataques. As fortalezas de Buhen (mais a norte) e de Kumma (mais a sul) assumiam enorme valor estratégico, facilitando o controlo das caravanas e das embarcações de mercadorias, devido precisamente à escassa largura do rio.

Desde 1964 realmente submersa a 65 m de profundidade no Lago Nasser-Nuba devido à construção da barragem de Assuão⁶, a fortaleza de Buhen não foi edificada "acidentalmente" na antiga região de Uauat (WAwAt)⁷ e tinha propósitos que iam além dos

⁶ Antes de o local ser coberto de água, entre 1957 e 1964, a equipa chefiada pelo Professor Walter Bryan Emery escavou-o para a Egyptian Exploration Society e publicou os resultados, garantindo assim uma recordação do local. Como ele próprio escreveu, as fortalezas da região nunca haviam merecido até então adequada atenção por parte dos arqueólogos: "Partly because of their isolation and their great size the chain of fortresses in the Batn el-Hagar between the First and second Cataracts had been to a great extent neglected by the archaeologist. (...) of military architecture and methods of fortification we know very little" (Emery 1979, V).

⁷ Uauat, a Baixa Núbia, estendia-se entre a Primeira Catarata (a norte) e a área designada *Batn el-Hagar*, um estreito do Nilo, a sul da Segunda Catarata. A região era habitada pelo sedentário Grupo-C núbio, identificado nos textos egípcios como *Nehesyw*, *nHsyw* (Flammini 2008, 53). Na literatura, há também outras expressões para designar os Núbios: *lunuty-sety* (*lwnt(y)-nty*) e *Setiu* (*ntyw*).

estritamente militares e da simples expressão monumental e simbólica da civilização egípcia militarizada do Império Médio.

A adequada perspectivização da tipologia construtiva e dos propósitos destes monumentos defensivos, particularmente do de Buhen, exige, em nossa opinião, o prévio exame sucinto da conjuntura histórica da XII Dinastia egípcia e das principais características da Baixa Núbia.

O Egípto e a Núbia no Império Médio

Com o final do Império Antigo (VI Dinastia) e a progressiva afirmação do poder autonómico das províncias e das linhagens oligárquicas heracleopolitana e tebana, a autoridade central menfita antes incontestada foi seriamente questionada e as querelas, as agressões e os conflitos político-militares internos sucederam-se, o que, em última instância, dificultou compreensivelmente as tarefas de defesa do território egípcio, em regra resultantes de uma conjugação de esforços e meios agora inexistentes⁸.

O Egípto só possuiu um exército (*mechá*) nacional permanente, homogéneo e organizado no Império Novo. Até aí, os Egípcios não procuraram, de facto, estabelecer uma dominação militar efectiva e duradoura sobre os povos vizinhos. Durante o Império Antigo, sempre que era necessário fazer uma incursão ou defender um ataque eram recrutados jovens (a "bela juventude", *djamu*), em corveia, entre a população, que, depois, findas as operações militares ou paramilitares, voltavam às suas normais actividades. Com o aumento do poder dos nomarcas no Primeiro Período Intermediário, cada *nomos* passou a ter as suas milícias e o seu arsenal particular ("Casa das Armas"), sob o comando do próprio nomarca, *hatiá (HAt(y)-a)*⁹.

A actividade dos exércitos provinciais estava centrada quase exclusivamente na reivindicação de autoridade de um rival sobre outro, de uma cidade sobre a sua vizinha, de uma região sobre a outra. Os nomarcas (*hatiuá*) transformam-se em autênticos "senhores da guerra", impetuosos, violentos e agressivos, num quadro de anárquica luta desenfreada pela

⁸ Erman, Ranke 1976, 702.

⁹ Sales 2001c, 351. A propósito das várias designações e dos vários títulos usados pelos nomarcas do Alto e do Baixo Egípto desde o Império Antigo, vide Geneviève Husson e Dominique Valbelle, que revêem uma panóplia significativa de variantes ao longo do III milénio a.C.: *HqA*, "governador"; *HqA spAt*, "governador do *nomos*/ de província"; *HqA Hwt aAt*, "governador do grande domínio"; *sSm-tA*, "guia do país"; *aD-mr*, "administrador"; *imy-r wpwt*, "director de missão"; *imy-r nswtjw*, "director das pessoas do rei"; *imy-r ix t-nsu*, "director de assuntos do rei"; *imy-r mnnw*, "director das fortalezas"; *imy-r niwwt tmAw*, "director das cidades novas"; *imy-r X*, "director do *nomos X*" e *Hry-tp aA n X*, "grande senhor do *nomos X*" (Husson, Valbelle 1992, 53, 54).

supremacia, com uma miríade de dinastias paralelas em luta umas com as outras. A oposição entre o Norte (Heracleópolis) e o Sul (Tebas), embora não fosse de guerra constante, redundava num estado de paz precária e de rivalidades castrenses, procurando cada campo consolidar as suas posições e forças. Como diz Dominique Valbelle, "Chacune de ces provinces [Heracleópolis e Tebas] regroupe, autour d'elle, les nomarques de plusieurs villes dont certains prennent la tête des conflits qui opposent les partisans de l'une et de l'autre"¹⁰.

A espiral de contínuas escaramuças e guerras civis indecisas que varreu o território egípcio durante cerca de duzentos anos (Dinastias VII-X) acompanhada pelo fenómeno das infiltrações asiáticas fornece o quadro geral para o Primeiro Período Intermediário, concebido essencialmente como uma época de crise, de anarquia e de enormes disfunções no aparelho burocrático-administrativo egípcio em que a feição provincial, local, triunfa sobre a enfraquecida e esvaziada administração central¹¹. O governo central afunda-se, a unidade do país desaparece, a desordem instala-se¹². Os *hatiuá* sobrepõem-se aos *per aa* nominais. A autoridade efectiva dos régulos locais desafiava a autoridade puramente teórica de um suserano único. Heracleópolis (que dominava o Médio Egípto e o Delta) e Tebas (que dominava os oito *nomoi* meridionais) substituem Mênfis¹³.

Segundo alguns textos produzidos nesse período ou durante o Império Médio (ex.: *Lamentações de Ipuver*; *Ensino para Merikaré*; *Ensino do rei Amenemhat I ao seu filho Senuseret I*; *Diálogo do desesperado com o seu ba*; *Conto do Camponês Eloquentes*; autobiografias dos nomarcas de Assiut e de Moalla¹⁴), o Egípto tornara-se um "mundo ao contrário", desregrado, estéril, caótico, onde as pilhagens e os motins faziam parte do dia-a-dia, a escassez e mesmo a fome deixaram as suas marcas e onde os fundamentos éticos de outrora não tinham já qualquer aplicação ou validade. Os abusos e as usurpações sucediam-

¹⁰ Valbelle 1998, 105.

¹¹ Sales 2001a, 28.

¹² Esta ideia da desordem institucional generalizada é transmitida por Maneton, uma fonte tardia, quando, certamente numa imagem significativa para a ilustrar com gravidade, fala de "70 reis em 70 dias" para a VII Dinastia: "*The Seventh Dynasty consisted of seventy kings of Memphis, who reigned for 70 days*" - Fr. 23 (Waddell 1948, 57). É, porém, possível que esta instabilidade do poder político não resultasse apenas de divergências políticas, mas também de alguma instabilidade climática (secas sucessivas), em regra atribuídas à incapacidade do suserano egípcio. Assim, na versão de Maneton, a lista de soberanos das VII e VIII Dinastias inclui faraós que apenas reinaram um ou dois anos, o que tem sido interpretado como demonstração da sua incapacidade para provocarem cheias satisfatórias do Nilo, tendo desaparecido sem deixarem mais nenhum rasto.

¹³ Esta oposição entre as províncias e o centro, a capital, é para a maioria dos autores um traço distintivo do Primeiro Período Intermediário (Seidlmayer 2000, 120, 121).

¹⁴ Vide Canhão 2013.

se; os atropelos e as injustiças de toda a ordem marcavam as vivências dos Egípcios e a angústia e o pessimismo tomavam conta deles. Estes escritos cépticos ou pessimistas, de *per se* marca civilizacional deste período, fornecem, pois, uma colorida e emotiva visão dos acontecimentos.

Para a mentalidade egípcia, conservadora e muito voltada para o apreço do passado e dos seus valores, a ruptura do equilíbrio (*maet*), o fim da paz e a destruição da unidade do reino eram dramáticas e inconcebíveis. Como escreve Claire Lalouette. "Le bouleversement est grand. Le pays connaît une révolution sociale qui remet en cause toutes les structures existantes et qui entraîne une grave crise morale, le doute et l'angoisse pénètrent les consciences."¹⁵

Absorvidos pela crise interna, os Egípcios perderam de vista as suas actividades económicas na Núbia, na Siro-Palestina, em Biblos, no Sinai e no Mediterrâneo oriental, abandonando rotas anteriormente importantes e a exploração de minas antes abundantes. Para os vizinhos do Egípto, nomeadamente os beduínos Aamu (*aAmw*) do deserto oriental ("habitantes das areias") que invadiram o Delta, foi uma época propícia para uma facilitada e inusitada "extensão de territórios", praticamente sem pegarem em armas¹⁶. Impelidos pela fome que grassava entre eles, os beduínos do Sinai e do Neguev procuraram pastos para os seus rebanhos no Delta oriental, onde paulatinamente se instalaram. Por volta de 2160-2150 a.C., o Delta estava nas mãos dos "Asiáticos", os invasores vindos de Este. Na Núbia, a civilização do Grupo-C aproveitou para se desenvolver e impor, sem a pressão da influência egípcia.

Durante a Época Tinita e durante o Império Antigo, o Egípto conheceu necessariamente tensões locais ou rivalidades dinásticas que chegaram a provocar uma ou outra fragmentação temporária do seu território. A situação no final do Império Antigo era, porém, diferente: desde logo, porque combinava simultaneamente vários factores internos (enfraquecimento do tradicional poder monárquico, oposição do(s) poder(es) provincial(is) e rivalidade entre os responsáveis regionais e as suas famílias); depois, porque incluía um lento mas massivo fenómeno de imigração de tribos beduínas provenientes da Palestina que

¹⁵ Lalouette, 1991, 155.

¹⁶ Os Beduínos que mais frequentemente tiveram a ver com o Egípto foram realmente aqueles cujo *habitat* se situava no deserto do Sinai (Ramos 2001, 145). Nos textos são chamados "beduínos *chasu* (*^Asw*)" ou "nómadas *Nemeiu-sai*" (*Nmiw-Say* "corredores das areias") ou simplesmente "beduínos" (*Menetjiu*, *MnT(y)w*, ou *Heriu-cha*, *@ryw-Sa*, "os que estão na areia").

atravessavam o Sinai para se estabelecerem no Delta¹⁷. Há, portanto, em simultâneo, um inusitado fenómeno de ocupação estrangeira e de fragmentação/ ruptura da integridade territorial egípcia.

Naturalmente, foi neste período conturbado que emergiram a preocupação e a necessidade de realizar construções de tipo militar. De facto, uma das novas ideias trazidas pela anarquia reinante foi a imperiosa necessidade de solucionar a particular exposição do Egípto às invasões, nomeadamente no Delta¹⁸. É posta em evidência a debilidade das defesas egípcias, que não se explica apenas pela fraqueza dos últimos soberanos menfitas do Império Antigo.

No final do Primeiro Período Intermediário/ inícios do Império Médio, o príncipe tebano Nebhetepre Mentuhotep II (XI dinastia tebana), qual "unificador das Duas Terras" (*semataui*)¹⁹, após um bom número de batalhas internas contra os heracleopolitanos, enceta uma obra de reunificação efectiva do território e da administração provincial e central e nesse âmbito manda erigir uma série de fortalezas entre Hieracômpolis e Elefantina, com vista à sua luta pelo trono egípcio com a também fortificada Heracleópolis²⁰. Os excepcionais 50 anos de reinado (2060-2110 a.C.) de que dispôs para as profundas reformas políticas e económicas que efectuou no Egípto e nos territórios sob domínio egípcio explicam, em parte, o sucesso das mesmas.

As acções de reconquista da integridade territorial empreendidas por Mentuhotep II são evocadas nas paredes do seu templo funerário em Deir el-Bahari, no templo de Ballas, no *hut-ka* de Dendera e no templo de Guebelein²¹. Uma inscrição descoberta em Ballas, atribui-lhe também a anexação ao Egípto de partes do apetecido território núbio, entre a Primeira e a Segunda Cataratas do Nilo, embora não seja possível com toda a certeza creditar esta acção a soberanos da XI dinastia e se admita que, apesar das várias expedições tendentes à sua reintegração no território egípcio, a Núbia permaneceu independente²². Seja

¹⁷ Valbelle, 1998, 104, 105.

¹⁸ Valbelle, 1990, 78.

¹⁹ Mentuhotep II reinou provavelmente primeiro no sul do país, antes de se tornar um verdadeiro faraó do conjunto do Egípto, iniciando o renascimento da nação, numa data que se situa cerca de 2060 a.C., mas que é difícil de precisar. O nome de Hórus *semataui* foi usado a partir do 39º ano do seu reinado e expressa claramente a vontade real de reconstituir o território nacional na sua totalidade (Valbelle 1998, 120; Vernus, Yoyotte 1988, 85; Clayton 1995, 74).

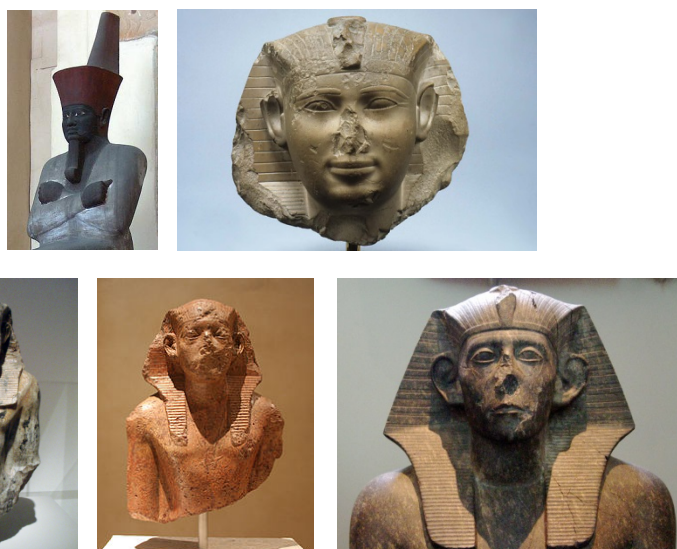
²⁰ Manley, 1998, 50. Mentuhotep II foi verdadeiramente o primeiro faraó a reconstituir a unidade do Egípto perdida desde Pepi II.

²¹ Valbelle, 1998 130, 131; Valbelle 1990, 78.

²² Valbelle, 1990, 104. Como defende Nicolas Grimal, tratou-se mais de um controlo do que de uma ocupação (Grimal, 1988, 195). No entanto, o filho de Mentuhotep II, Seankhkaré Mentuhotep III

como for, tenha ou não existido a intenção de anexação, restabeleceu-se o envio de tributos regulares para o Egípto e Buhen tornou-se um entreposto comercial egípcio onde o próprio Mentuhotep II se instalou durante a sua viagem pelo país reunificado²³.

Na XII Dinastia, a zona do Delta e a Baixa Núbia foram também ambas fortificadas, nomeadamente nos reinados de Amenemhat I ("Muros do Príncipe", *ienebu-heka*, na zona do Uadi Tumilat, ambicioso sistema de protecção do Delta oriental²⁴), de Senuseret I e de Senuseret III (vide Figuras 3-7). Na zona do Delta, as novas fortificações pretendiam tão só evitar a pressão e as contínuas infiltrações dos povos asiáticos (Delta oriental) e dos beduínos líbios (Delta ocidental). Na Baixa Núbia, a política dos faraós é mais activa e sistemática na demanda de uma eficaz anexação e dominação, merecendo destaque a acção dos exércitos de Senuseret I.



Figuras 3-7. Faraós da XI dinastia Mentuhotep II e Mentuhotep III (parte superior) e faraós da XII Dinastia Senuseret I, Amenemhat II e Senuseret III (parte inferior).

(2010-1998 a.C.), prosseguiu esta política de controlo e de exploração comercial da Núbia (Valbelle 1998, 121, 122).

²³ Além de Buhen, as fortalezas de Kor e de Uronarti eram as que no Império Médio funcionavam como residência real aquando de campanhas no território núbio (Manley 1998, 51).

²⁴ Sales 2001c, 114. Na *História de Sinuhé*, grande texto da literatura egípcia da XII Dinastia, são mencionadas as várias fortalezas egípcias que o herói desta ficção literária cruza no seu caminho até ao Retenu (Síria-Palestina), o que ajuda a entender o sistema de vigilância e controlo da fronteira nordeste do Egípto, embora nenhum vestígio dessas fortalezas tenha chegado até aos nossos dias (Simpson 1973, 57-74; Lichteim 1975, 222-235; Lalouette 1987, 226-240; López 2005, 40-76). Na *Profecia de Neferti*, aplicada a Amenemhat I e à construção dos "Muros do Príncipe", diz-se explicitamente: "Construir-se-ão os "Muros do Príncipe", que impedirão os Asiáticos de chegar até ao Egípto" (Simpson 1973, 234-240; Lichteim 1975, 139-145; Lalouette 1984, 70-74; López 2005, 25-39; Lefebvre 1949, 91-106; Pritchard 1969, 444-446; Laffont 1979, 81-92; Canhão, 2013).

Quando a XI Dinastia restabelece a unidade do Egípto com Mentuhotep II e restaura a estabilidade económica e política, um pouco antes de 2000 a. C., uma das consequências desta renovação foi o deflagrar de uma série de conflitos no Sul que o fundador da XII Dinastia, o faraó Amenemhat I (1991-1962 a. C.), combatera e a que o seu filho Senuseret I (1971-1926 a. C.) poria cobro, submetendo e ocupando efectivamente Uauat. A pedra angular deste agora assumido e coordenado processo de anexação foi justamente a edificação de uma linha de fortalezas em todos os locais estratégicos até à Segunda Catarata, instalando aí oficialmente guarnições egípcias.

A partir do momento em que subiu ao poder, em 1962 a. C.²⁵, e durante 10 anos, a política núbia de Senuseret I distinguiu-se, pois, pelo seu carácter marcadamente militarista e intervencionista, tentando colocar totalmente sob controlo egípcio o conjunto dos territórios de Uauat. Com este propósito foram instaladas patrulhas que vigiavam os movimentos das caravanas e dos grupos nómadas considerados como potencialmente hostis e foram construídas poderosas fortalezas em locais estratégicos, controlando simultaneamente os fluxos comerciais fluviais e terrestres²⁶.

As fortalezas então erigidas na Núbia durante o Império Médio dotaram a região de novos postos fortificados e reforçaram a estrutura de adobes e torreões do passado. Segundo dados constantes em inscrições e em estelas contemporâneas, havia treze fortalezas entre Elefantina (Assuão) e Semna, sete delas localizadas em posições estratégicas ao longo da Segunda Catarata, na zona em que o Vale do Nilo era mais estreito.

Mais tarde, para assegurar a autoridade faraónica nas terras núbias, Senuseret III intensificou a cadeia de fortificações entre a Segunda e a Terceira Cataratas, construindo mais oito fortalezas entre Askut e Semna e reforçando outras²⁷. Pela primeira vez na história do Egípto, "o início do país" (*Uepet-ta*) / a fronteira (*tash*) meridional egípcia fixava-se a sul da Segunda Catarata.

Todas estas fortalezas núbias construídas no Império Médio, actualmente submersas, eram feitas de adobes secos ao Sol. Tinham torreões de defesa circulares ou semicirculares, munidos de fendas, mais elevadas do que o resto das muralhas, donde os soldados controlavam e protegiam o comércio que era monopólio da coroa egípcia. As

²⁵ Antes de se tornar faraó, após a morte do pai, Senuseret I foi co-regente de Amenemhat I durante 10 anos (1971-1962 a.C.).

²⁶ Manley, 1998, 37, 50.

²⁷ Grimal, 1988, 208. Estas fortalezas situavam-se na vizinhança de centros populacionais núbios para manter a ordem. No caso da fortaleza de Buhen, integrava um sistema defensivo contra o reino núbio de Dongola, cuja capital se situava um pouco mais a sul, em Kerma.

seteiras nas muralhas e nas torres semicirculares permitiam cobrir todos os ângulos de tiro sobre largos fossos. Estas fortalezas só voltariam deveras a ter rivais nas grandes fortalezas da época das cruzadas e da Europa medieval.

O facto militar mais importante do Império Médio foi, portanto, realmente, a anexação definitiva da Núbia setentrional, englobando o país de Uauat (a Baixa Núbia) e parte de Kuch (designação usada inicialmente para a Alta Núbia e que, depois, no Império Novo, se aplicará a toda a Núbia), com o objectivo de assegurar o afluxo ininterrupto de minerais e de produtos exóticos²⁸. Como escrevem explicitamente Husson e Valbelle: "Ce sont les minéraux — pierres de construction, pierres dures, métaux et produits divers comme la galène ou le natron — qui justifient l'intérêt que les Égyptiens leur ont porté de tout temps, annexant même les déserts voisins les plus dignes d'attention: Le Sinaï et le désert oriental nubien."²⁹ Nesta última região, Buhen, a mais antiga base egípcia a sul da Primeira Catarata, torna-se de novo um entreposto vital na percepção do regular pagamento dos tributos núbios.

O sítio de Buhen

Especificamente em relação a Buhen (21º 53' N/ 31º 16' E), diante do Uadi-Halfa, historicamente o sítio foi fundado na Época Tinita e a ocupação do local pelos Egípcios como cidade colonial data do Império Antigo (II Dinastia)³⁰. Devido ao facto de Buhen não constituir na época o melhor lugar para carregar e descarregar embarcações, é aceite que no Império Antigo seria o *terminus* de rotas do deserto que levavam a minas de cobre, produto altamente valorizado pelos primeiros soberanos do Egípto. Não se sabe, porém, se a ocupação do lugar continuou depois do reinado de Djedkaré-Isesi (c. 2490 a.C.), embora surjam no local os nomes de vários faraós das IV e V Dinastias³¹.

Sob os faraós da VI dinastia, com a inauguração de uma diferente política de expedições regulares de exploração comercial, os príncipes das tribos núbias de Irthet, Uauat, Yam e Medja pagavam um tributo ao Egípto (em madeiras e em guerreiros) e forneciam já um corpo de polícia. Com a diminuição dos contactos comerciais entre o Egípto e a Núbia no final do Império Antigo e durante o Primeiro Período Intermediário, sem uma

²⁸ Manley, 1998, 37.

²⁹ Husson, Valbelle, 1992, 59.

³⁰ Adams, 1977, 170.

³¹ Estelas rudimentares registam os nomes dos faraós que comandaram expedições às pedreiras locais, como Khufu, Djedefré, Sahuré e Djedkaré-Isesi (Valbelle 1990, 61).

autoridade central firme e activa, a população da Baixa Núbia e das terras sudanesas, ampliada pela chegada de imigrantes do sudoeste, evolui e os Egípcios foram expulsos de Buhen. A cidade foi ocupada pelo emergente reino local de Kuch, com sede em Kerma, a montante da Terceira Catarata. Seria só com o restabelecimento e fortalecimento do poder faraónico que se retomou a exploração dos recursos da Núbia por parte do Estado egípcio, agora de forma ainda mais intensa. Os reinados de Mentuhotep I³², Mentuhotep II e Mentuhotep III, na XI Dinastia, marcam um esforço sério de controlo do Sul, que prosseguiu, já como política de anexação da rica região núbia, nos reinados de Senuseret I, Amenemhat II e Senuseret III, na XII Dinastia, sobretudo na área a sul da Primeira Catarata.

Se as treze fortalezas erguidas até à Segunda Catarata no militarizado reinado de Senuseret I parecem ter sido construídas essencialmente por motivos económicos (controlo do comércio com a Alta Núbia, nomeadamente no que se refere aos produtos agrícolas e mineiros)³³, os reinados de Amenemhat II (1928-1895 a.C.) e Senuseret II (1895-1878 a.C.), terminada provisoriamente a fase de conquista, foram marcados por uma total ausência de actividades militares nas relações com a Núbia³⁴.

Estes tempos relativamente pacíficos, durante os quais prosseguiu a exploração das riquezas de Uauat por parte da administração central egípcia, com expedições regulares às minas (nomeadamente do Uadi Allaki), foram aproveitados pelas tribos núbias para, de novo, avançarem gradualmente para norte da Terceira Catarata, o que forçaria e desencadearia a resposta e as enérgicas medidas depois empreendidas por Senuseret III³⁵.

As campanhas devastadoras de Senuseret III³⁶ visando proteger a fronteira sul do Egípto das incursões dos belicosos vizinhos e garantir o domínio da fronteira sul e das suas rotas comerciais e mineiras revelam a importância que a Baixa Núbia adquirira para o Egípto como *interface* entre o país e a Alta Núbia e, além da entrada definitiva em funcionamento

³² A Mentuhotep I são atribuídas duas expedições: uma comandada por Djemi, "chefe dos soldados e chefe dos intérpretes", e outra por Ankhtifi, príncipe de Moalla, com o objectivo de recolherem impostos.

³³ Clayton, 1995, 80.

³⁴ Grimal, 1988, 204. O único feito militar de vulto do reinado de Amenemhat II foi precisamente a inspecção das fortalezas de Uauat por um funcionário régio, acção que, no fundo, se limitou a verificar o clima de paz que então reinava naquela zona (Araújo 2001, 55).

³⁵ Grimal, 1988, 208.

³⁶ As quatro campanhas de Senuseret iniciaram-se cedo, logo no 8º ano do seu reinado, e prosseguiram nos anos 10, 16 e 19. Ao que parece, foram campanhas bem sucedidas para o lado egípcio, pelo menos a julgar pelas estelas deixadas em locais dominados pelo faraó. Foram também campanhas brutais: homens núbios foram mortos, as suas mulheres e filhos escravizados, os seus campos queimados e os seus poços envenenados (Callender, 2000, 166).

da linha de oito fortificações que completou e ampliou a política iniciada por Senuseret I, foram acompanhadas igualmente pelo estabelecimento de uma administração separada para as questões do Sul (Elefantina e Baixa Núbia), através de um conselho de grandes dignitários (*djadjat*) que reportava directamente ao vizir³⁷.

Para apoiar esta reorganização administrativa, foi reconstruído, no 8º ano de Senuseret III, um canal na zona da Primeira Catarata, em Assuão, perto da ilha de Sehel (denominado "belos são os caminhos de Khakauré" — nome de coroação de Senuseret III), com o objectivo de permitir o rápido e fácil acesso de contingentes armados e embarcações mercantes até à zona de Buhen e da Segunda Catarata³⁸.

Desde início, verifica-se que, paralelamente ao domínio político-militar da região, há consistentes intenções de dominação administrativa e económica: era preciso garantir que os bens da Alta Núbia (ébanos, marfim, especiarias, perfumes, incenso, pedras preciosas, adornos exóticos, animais, peles de animais, ouro, diorite, gneiss, etc.) chegassem regularmente por barco ao Egípto³⁹.

No ano 18 de Senuseret I, uma inscrição gravada no túmulo do nome Amenemhat (BH 2), em Beni Hassan, responsável por duas campanhas na Núbia, confirma a implantação egípcia nos territórios e a vertente económica que lhe estava associada:

*Segui o meu senhor enquanto ele navegava para Sul para destruir os seus inimigos ... Atravessei Kuch, navegando para Sul e atingi os limites da região. Trouxe muito espólio; o meu elogio chega até ao céu. Depois Sua Majestade regressou de boa saúde, tendo abatido os inimigos no vil país de Kuch.*⁴⁰

A segunda expedição empreendida por Amenemhat denota um carácter puramente comercial, como se depreende da inscrição:

Naveguei para Sul para trazer ouro à Majestade do rei do Alto e do Baixo Egípto Kheperkaré [nome de coração de Senuseret I], que viva eternamente. Naveguei para Sul com o príncipe, o nobre, o filho mais velho do rei, nascido do seu corpo, Amenemhat. Naveguei para Sul com quatrocentos homens da elite do meu exército, que regressaram de boa saúde sem terem sofrido qualquer perda.

³⁷ Clayton, 1995, 85.

³⁸ Este canal fora originalmente escavado no Império Antigo, pelo faraó Merenré ou Pepi I.

³⁹ Manley, 1998, 19.

⁴⁰ Lalouette, 1991, 173 – a tradução é nossa.

Trouxe o ouro que me fora pedido e fui elogiado devido a isso no palácio.⁴¹

A Primeira Estela Fronteiriça de Semna, erguida no 8º ano do reinado de Senuseret III, regista também as intenções de pacificação e de controlo económico dos territórios núbios por parte do estado egípcio:

Fronteira do sul estabelecida no oitavo ano (do reinado de Senuseret III) para garantir que nenhum Núbio⁴² a atravessava, quer por terra quer por barco, ou quaisquer rebanhos dos Núbios, à excepção daqueles Núbios que viessem para comerciar com Iken [fortaleza de Mirgissa] ou para realizar qualquer negócio que se possa fazer com eles, sem permitir, porém, que a embarcação de um Núbio passe por Semna em direcção ao Norte⁴³.

A intenção e o orgulho de Senuseret III por levar e estabilizar a fronteira sul em Semna e de penetrar até zonas antes intocadas, sustendo, assim, o eventual avanço das populações locais para norte, surgem também relatados no par de estelas de Semna e de Uronarti (estela do Museu de Berlim 1157, erguida no 16º ano de reinado de Senuseret III):

*Estendi as minhas fronteiras mais para sul que os meus pais,
Aumentei aquilo que me foi legado.
Eu sou um rei que fala e que age.
Aquilo que o meu coração planeia é executado pelo meu braço.
Aquele que ataca para conquistar, que é rápido a fazê-lo,
Aquele em cujo coração os planos não ficam adiados.
Compreensivo para com os aliados, cheio de compaixão,
Impiedoso para com o inimigo que o ataca.
Um rei que ataca quem o atacaria.
Que se detém quando se detêm.
Que responde a um desafio quando é apropriado.
Calar-se depois de um ataque é encorajar o coração do inimigo.
Atacar é ser corajoso, retirar é cobardia.
Cobarde é aquele que é expulso da sua fronteira.
Desde que o Núbio ouça as palavras.
Responder-lhe é fazê-lo retirar.
Se o atacardes, ele voltará as costas.
Se recuares, ele atacará.
Não são pessoas dignas de respeito.
São miseráveis de coração desfeito.
Minha Majestade já o viu, não é uma mentira.
Capturei as suas mulheres,
Trouxe os seus súbditos,
Sequei-lhes os poços, matei-lhes o gado,*

⁴¹ Lalouette, 1991, 173 – a tradução é nossa.

⁴² O termo usado é "Nehesy".

⁴³ Breasted, 1906, § 652, 293, 294 – a tradução é nossa.

*Devastei-lhes os campos de cultivos, pequei-lhes fogo⁴⁴.
Enquanto o meu pai viver para mim, falarei a verdade!
Ao dizê-lo não me estou a vangloriar.⁴⁵*

A estela termina com uma forte admonição (com uma subliminar maldição implícita) dirigida aos faraós vindouros:

Agora, qualquer filho meu que mantiver esta fronteira, que a Minha Majestade estabeleceu, é meu filho, nasceu da Minha Majestade, como um filho que é seguidor do seu pai, que mantém a fronteira daquele que o gerou. Agora, quem a abandonar e não combater por ela, não é meu filho, não nasceu de mim. Agora Minha Majestade tem uma imagem da Minha Majestade nesta fronteira que a Minha Majestade fez com vista a que mantenham, com vista que a lutem por ela⁴⁶

De igual modo, um hino dedicado a Senuseret III enfatiza a sua poderosa e "aterrorizadora" actuação face aos Núbios:

Saúde, Khakauré⁴⁷, nosso Hórus, de formas divinas, aquele que protege o País e estende os seus limites, que repele o mais longínquo dos países estrangeiros graças à sua coroa, que envolve as Duas Terras nos seus braços, que submete os países estrangeiros com a força das suas mãos, que massacra os Bárbaros sem precisar de usar o bastão, que lança flechas sem esticar a corda. Basta o simples terror que inspira para impressionar os Núbios nas suas terras. Basta o simples pavor para matar os Asiáticos. O massacre que realizou causou milhares de mortos entre os Bárbaros que haviam atacado as suas fronteiras. (...). A língua de Sua Majestade reprime os Núbios e os seus discursos põem em fuga os Asiáticos. Ele é o jovem, único e divino, que combate pelas suas fronteiras, que não permite que o seu povo seja incomodado (...)⁴⁸

Estes excertos são bem exemplificativos da intensa actividade e da atenção que o faraó/ faraonato dedicava à salvaguarda e segurança da sua fronteira sul, quer com novas construções, quer com intervenções nas já existentes. A intensa actividade comercial da região justificava, assim, não só a ocupação militar como a cuidadosa gestão dessa ocupação.

⁴⁴ Vide nota 36.

⁴⁵ Lichteim, 1975, 118-120; 198 – a tradução é nossa.

⁴⁶ Lichteim, 1975, 119-120 – a tradução é nossa.

⁴⁷ Nome de coroa de Senuseret, que significa "Aquele que surge como os kau de Ré".

⁴⁸ Lalouette, 1984, 77; Simpson 1973, 279-281; Lichteim 1975, 198, 199 – a tradução é nossa.

As guarnições estacionadas nessas fortificações núbias mantinham o tráfico sob um controlo muito apertado, percorrendo o deserto circundante, anotando todo e qualquer movimento suspeito e comunicando-o à administração central, sediada em Elefantina⁴⁹.

A fortaleza⁵⁰ de Buhen

A fortaleza interior de Buhen (vide Figuras 8 e 9), um exemplo típico de fortificação fluvial, estava rodeada por uma muralha, de plano irregular, com um perímetro de 712 m de comprimento, no sentido Norte-Sul, 270 m no sentido Este-oeste, e 4 m de espessura, de aparência forte e robusta, construída antes do final da XII dinastia⁵¹. Era constituída por adobes enchidos com argamassa e colocados em camadas horizontais (no interior das quais se colocava uma robusta estrutura de peças de madeira disposta de forma a aumentar a sua solidez). Em seu redor, um fosso seco, com 6 m de largura e 3 m de profundidade.

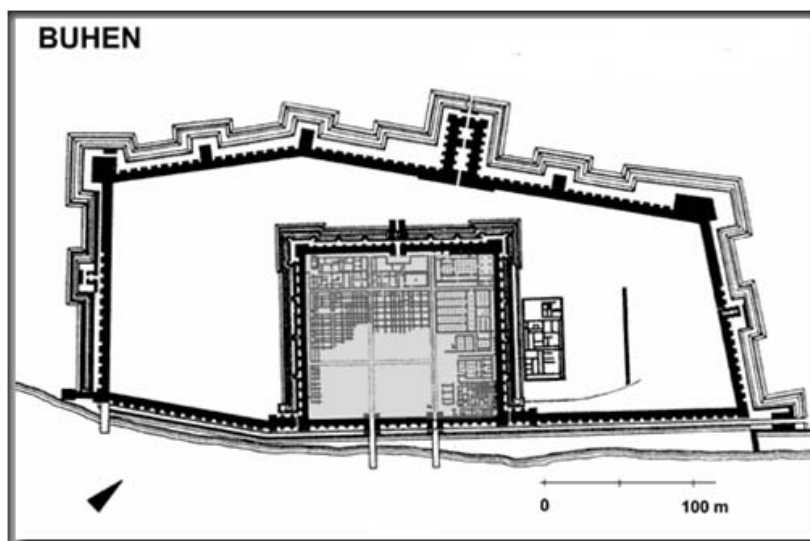


Fig. 8. Planta da fortaleza de Buhen.

⁴⁹ É possível que a guarnição de Buhen tivesse entre 500 e 1000 homens (Emery 1979, 101).

⁵⁰ Os termos egípcios usualmente usados e traduzidos por "fortaleza" são *menenu* (mnnw), *itehu* (itHw) e *rethu* (rtHw).

⁵¹ Como diz Emery acerca da extensão da área, "Some conception of this undertaking can be realized when it is understood that the perimeter of this great stronghold extended for a distance of more than a mile, enclosing a town which contained two temples, public buildings, quarters for its garrison, workshops, trading centres, and stone quays for Egypt's warships and trading vessels." (Emery 1979, V). Vide também *Ibid.*, 4.

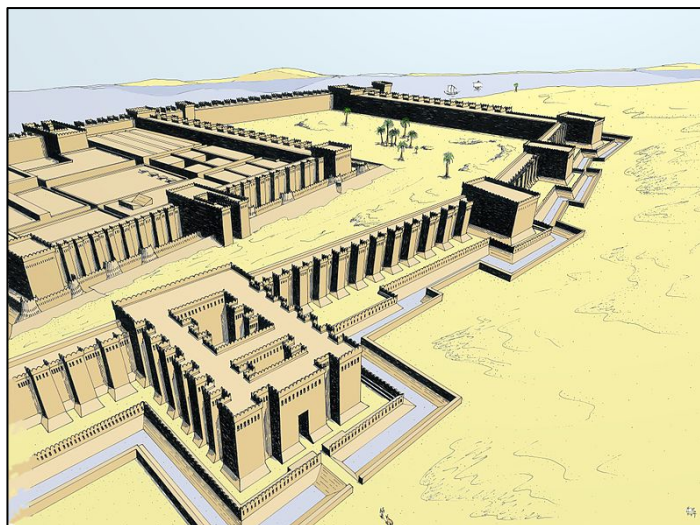


Fig. 9. Reconstituição virtual da fortaleza de Buhen. Panorâmica norte.

Ao longo da parte da muralha voltada para o rio (e que se integrava na estrutura da fortaleza propriamente dita), datada do reinado de Senuseret I, situavam-se 32 torres ou torreões rectangulares (com paredes com 2,5 m de espessura) em intervalos de 22 metros regularmente espaçados⁵². A restante muralha, além das torres semicirculares, era também composta por grandes bastiões nos cantos e outros intermédios. Nesta cintura muralhada, voltada para noroeste, para a zona das pistas caravaneiras, havia uma monumental estrutura de entrada, a mais antiga reminiscência de uma torre barbacã (47 m X 30 m) com uma dupla parede, diante da qual havia uma ponte levadiça de madeira⁵³.

A fortaleza de Buhen propriamente dita ou fortaleza interior, em parte talhada na rocha e em parte em construída em adobes crus, também data de Senuseret I. De planta praticamente quadrada, cobria cerca de 150 x 170 metros na margem esquerda do Nilo, ou seja, ocupava uma superfície de mais de 27000 m², contendo no interior dos seus muros com 11 m de altura e com 4,85 m de espessura uma pequena cidade, de ruas pavimentadas, que, no seu auge, albergava uma população de cerca de 3500 pessoas, além da administração de toda a região fortificada da Segunda Catarata⁵⁴.

Um dos lados do plano da fortaleza bordejava directamente o rio, permitindo com relativa facilidade controlar a sua navegação e o respectivo tráfego comercial. Era aí que se situava o porto e era aí que acostavam as embarcações para descarregarem ou carregarem

⁵² Goyon, Golvin Simon-Boidot, Martinet, 2004, 117; Arnold 2003, 39.

⁵³ Emery, 1979, 5, plates 5 e 6. Os trabalhos de limpeza da barbacã oeste pela equipa de Emery tiveram lugar entre 21 e 28 de Novembro de 1959 e de 21 a 23 de Março de 1962 (Emery 1979, 21).

⁵⁴ Emery, 1979, 4. O perímetro de Buhen era semelhante ao de Kor: "In general its design was similar to the perimeter walls of Kor but of far superior construction" (Emery 1979, 4).

mercadorias. Duas grandes portas rasgadas no muro da muralha permitiam o acesso directo ao interior da fortaleza.

Do lado terrestre, ou seja, em três dos seus quatro lados, a fortaleza estava rodeada por um profundo fosso, com 8,4 m de largura e 6,5 metros de profundidade (um pouco à imagem das grandes fortificações da Europa medieval), a partir do qual se elevavam torreões semicirculares, equidistantes da grande porta fortificada voltada ligeiramente para noroeste, dotadas de seteiras orientadas para disparar flechas em três direcções⁵⁵.

As fortalezas egípcias do Império Médio eram a ponta visível de uma racional política exterior activa e enérgica do estado egípcio, indispensável quer para a protecção das fronteiras do país, quer para o assegurar da expansão económica. Assim se tentava em simultâneo evitar novas violações do território egípcio (funcionando os territórios anexados e submissos como tampões entre a Kemet e eventuais invasores) e alcançar um sustentado desenvolvimento económico. Em torno de uma edificação arquitectónica de cariz militar entrecruzavam-se claramente as dinâmicas, nem sempre antagónicas, como se vê, de defesa e de expansão⁵⁶.

Mais recuados em relação aos torreões encontravam-se os muros de adobe da fortaleza, reforçados por contrafortes rectangulares, a cada 5 metros, também feitos de adobe, encimados por ameias ovais. Entre os torreões semicirculares e os muros da cidadela havia um caminho pavimentado por onde as tropas se movimentavam (caminho de ronda). A extraordinária e majestosa porta fortificada de noroeste estava construída em barbacã, com duas secções interiores que asseguravam uma segurança quase absoluta, reforçada por uma ponte levadiça⁵⁷.

Pode dizer-se que esta fortaleza comportava já todos os dispositivos que cerca de 3000 anos depois se detectarão nos castelos medievais europeus: declives, caminhos de ronda, torres rectangulares, torreões redondos com ameias e seteiras para o tiro cruzado dos arqueiros (vide Figuras 10 e 11).

⁵⁵ Emery, 1979, 4.

⁵⁶ Lalouette, 1991, 151.

⁵⁷ Desroches-Noblecourt, 1999, 51.



Fig. 10. Fotografia da fortaleza de Buhen, antes de ficar submersa, em consequência da construção da Barragem de Assuão.



Fig. 11. Panorâmica dos muros, contrafortes, torres semicirculares com seteiras e fosso da fortaleza interior de Buhen.

O interior da fortaleza comportava as casernas, as dependências administrativas, os paióis, os armazéns, os depósitos, as oficinas, as casas dos oficiais, a casa do governador, ocasionalmente a Residência real e o pequeno templo de Hórus de Buhen⁵⁸.

Pelo aspecto da planta da fortaleza de Buhen, observa-se que estava fortificada com torres rectangulares, dois robustos torreões nos cantos, e que havia uma monumental porta

⁵⁸ Entre a fortaleza interior e a fachada norte da muralha situava-se o "Templo Norte": templo construído em adobes, por Ahmés, no Império Novo, em honra da deusa Ísis. No interior da fortaleza do Império Médio situava-se um templo de pedra ("Templo Sul"), edificado por Hatchesput e Tutmés III em honra de Hórus de Buhen. Blocos retirados deste pequeno templo foram descobertos em Faras. É a este templo, hoje em Kartum, que o relatório fotográfico de 1960 mencionado no início deste texto faz alusão (Desroches-Noblecourt 1992, 39, 40). A inclusão destes templos na fortaleza era uma forma de a dotar de uma suplementar protecção divina.

de entrada, a noroeste, voltada para a parte terrestre, flanqueada por duas elevadas torres, e duas entradas directas para a fortaleza voltadas para o Nilo, a sudeste, a que se acedia por pontes levadiças, que podiam, obviamente, ser recolhidas em caso de perigo.

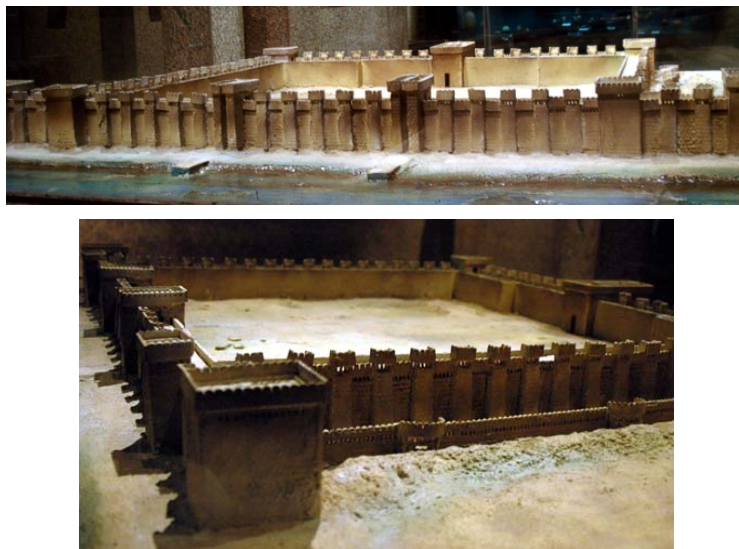


Fig. 12. Duas panorâmicas da maquete da fortaleza de Buhen (Museu Núbio, Assuão).

Havia realmente duas linhas de seteiras (orifícios feitos nas paredes da fortaleza para observar a trajectória dos projecteis) nas torres semicirculares da fortaleza de Buhen que permitiam aos arqueiros residentes atacar, se necessário, de cima para baixo, os eventuais invasores-atacantes: " (...) the defending archers could direct their arrows from different angles downwards on the attackers in the ditch and on to others coming over the counterscarp"⁵⁹. Da mesma forma, a alta torre da entrada noroeste permitia aos soldados lançar chuvas de setas e de outros objectos sobre os adversários⁶⁰.

Diante dos muros principais havia um muro secundário que antecedia o fosso. Isto significa que com esta dupla linha de defesa se os atacantes quisessem tomar a fortaleza teriam de atravessar o fosso sob fogo dos arqueiros e de escalar ambos os muros que a rodeavam a fortaleza. Depois, havia ainda as suas paredes, com os tais 11 m de altura.

Não se sabe se a fortaleza conheceu alguma batalha, por mais insignificante que possa ter sido, mas havia, segundo os relatórios elaborados, marcas de incêndio nas portas de entrada, datadas de cerca de 1675 a. C., no período em que os Hicsos ocuparam o Egípto.

⁵⁹ Emery, 1979, 4.

⁶⁰ Os inimigos não se encontrariam entre as populações locais do Grupo-C, mas sim um pouco mais a sul, nos territórios de Kuch. Esta explicação justificaria a alusão às quatro campanhas de Senuseret III, a partir do seu 8º ano de reinado, destinadas a "esmagar o miserável Kuch".

É possível, porém, que essas marcas derivem de algum fogo acidental ou de alguma tentativa de ataque⁶¹.

Conclusão

A impressionante estrutura monumental de Buhen (bem como a de fortalezas vizinhas, como Mirgissa ou Kor, por exemplo) terá envolvido milhares de homens na sua construção e exigiu, a montante, a actuação rigorosa e poderosa de uma forte e organizada autoridade. É até provável que o arquitecto responsável pela linha de fortalezas núbias tenha sido o mesmo. Foi, de certeza, uma fortaleza construída como um projecto único com um *design* único⁶².

A par da sua função de bastião militar, com carácter mais real ou mais simbólico ("propaganda intimidatória"), o complexo de Buhen serviu também como alfândega para os Egípcios, onde, nos seus vastos depósitos, se armazenava um considerável volume de mercadorias, tanto do tráfico fluvial, como do comércio caravaneiro do deserto. Terá sido um ponto de passagem obrigatório para os bens que entravam no Egípto a partir da Núbia e do sul de África. Não era, pois, somente uma cidadela militar, praticamente inexpugnável, mas um posto de troca e venda de enorme importância económica perante as rotas meridionais, o que enfatiza a interdependência mútua existente entre o Egípto e a Núbia. Buhen controlava a primeira parte navegável do Nilo, ao norte da Segunda Catarata e constituía o centro administrativo de toda a região fortificada⁶³.

Da mesma forma, a linha de fortalezas da Segunda Catarata do Nilo edificadas no Império Médio, destinada a alcançar e garantir uma dominação durável sobre os territórios núbios, demasiado extensa e poderosa para servir apenas de defesa face às relativamente reduzidas populações núbias do Grupo-C, destinava-se também a controlar o comércio de bens de prestígio com o sul, designadamente com Kerma, armazenando no seu interior provisões e bens obtidos dos comerciantes e marinheiros da região. Ao mesmo tempo, as fortalezas sustinham ou dissuadiam as eventuais ameaças ao poderio político-militar-económico egípcio.

⁶¹ Sobre este assunto, C. Desroches-Noblecourt é taxativa: "Attaquée par bédouins et Kouchites, la citadelle de Bouhen, vraisemblablement abandonné, fut incendiée." (Desroches-Noblecourt 1999, 55). Bill Manley comunga da mesma opinião: "Bouhen, détruite alors par le feu, doit être à nouveau abandonnée" (Manley, 1998, 38).

⁶² Emery, 1979, 90.

⁶³ Emery, 1979, 3.

No entanto, na XIII Dinastia, com a perda do controlo egípcio na Núbia e o crescente dinamismo das confederações tribais indígenas, a fortaleza de Buhen seria conquistada pelos Kuchitas. Seria só com príncipe Kamés, no fim do Segundo Período Intermediário, que se recuperaria para os Egípcios, no ano 3 do seu reinado⁶⁴. Já na XVIII Dinastia, com Ahmés I, dar-se-ia a consolidação do domínio egípcio com a repressão de rebeliões de chefes locais de Uauat (um deles, o príncipe Tetian, morto pessoalmente pelo próprio faraó egípcio⁶⁵), constituindo a Núbia e as suas fortalezas um eficiente corredor de comunicação, um reservatório de homens e um verdadeiro Estado-tampão.

À medida que a conquista egípcia se estendeu mais para sul, para lá da Quarta Catarata, o valor militar de Buhen decaiu, mas a sua importância como entreposto comercial prosseguiu. Durante a XIX Dinastia, com Ramsés I, Seti I e Ramsés II, a cidade-fortaleza de Buhen assumiu um papel económico primordial para a coroa egípcia. No final da XX Dinastia, tudo sugere que os Egípcios abandonariam o forte e que as forças locais, meroíticas, voltariam a apropriar-se da cidade-monumento.

Portanto, a fortaleza não foi só um ponto estratégico durante o Império Médio nem foi só ocupada pelos Egípcios. Durante o Império Novo continuou a desempenhar um importante papel na região, sendo também usada pelos Kuchitas (ex.: Taharka, da XXV Dinastia) e pelas populações meroíticas. Isto significa que durante cerca de 2000 anos a fortificação foi ocupada por uma sucessão de diferentes culturas, sem necessidade de significativas alterações.

BIBLIOGRAFIA

- Adam, Shehata. "Problems related to the preservation of Egyptian antiquities in Egypt." In *Prospection et sauvegarde des Antiquités de l'Égypte. Actes de la table ronde organisée à l'occasion du centenaire de l'IFAO. 8-12 janvier 1981*, 165-167, Paris: IFAO, 1981.
- Adams, William Y. *Nubia: Corridor to Africa*, Princeton: Princeton University Press, 1977.
- Araújo, Luís Manuel de. "Amenemhat." In *Dicionário do Antigo Egípto*, dirigido por Luís Manuel de Araújo, 54-56, Lisboa: Editorial Caminho, 2001.
- Arnold, Dieter. *The Encyclopaedia of Ancient Egyptian Architecture*, Cairo: The American University in Cairo Press, 2003.

⁶⁴ Emery, 1979, 57

⁶⁵ Emery, 1979, 58. Data justamente desta altura a edificação do primeiro santuário encontrado em Buhen, o "Templo Norte", construído por Ahmés, em honra da deusa Ísis, reconhecida como patrona da Núbia, muito provavelmente sobre ruínas de um santuário da época de Senuseret I (Emery 1979, 107, 108).

- Breasted, James Henry. *Ancient records of Egypt .Historical documents from the earliest times to the Persian conquest. Volume I. The First to the Seventeenth Dynasties*, Chicago: University of Chicago Press, 1906.
- Callender, Gae. "The Middle Kingdom Renaissance (c. 2055-1650 BC)." In *The Oxford history of Ancient Egypt*, edited by Ian Shaw, 148-183, London: Oxford University Press, 2000.
- Caminos, Ricardo A. *The New Kingdom temples of Buhen*, 2 vols. London, 1974.
- Canhão, Telo Ferreira. *Doze textos egípcios do Império Médio. Traduções integrais*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra., 2013.
- Cervelló Autuori, Josep. *Egipto y África: Origen de la Civilización y la Monarquía Faraónicas en su contexto africano*, Sabadell: Editorial Ausa, 1996.
- Clayton, Peter. *Chronique des pharaons. L'histoire règne par règne des souverains et des dynasties de l'Égypte ancienne*, Paris: Casterman, 1995.
- Cottrell, Leonard. *The warrior pharaohs*, London: Evans Brothers Limited, 1968.
- Damiano-Appia, Maurizio. "2. Le Nil perdu, d'Assouan à Khartoum." In *L'Égypte ancienne 2. Les secrets du Haut-Nil*, 19-27, Paris: Éditions Tallandier, 1998a.
- _____. "20. La folle équipée des temples nubien." In *L'Égypte ancienne 2. Les secrets du Haut-Nil*, 163-170, Paris: Éditions Tallandier, 1998b.
- _____. *L'Égypte. Dictionnaire encyclopédique de l'ancienne Égypte et des civilisations nubiennes*, Paris: Gründ, 1999.
- Daumas, François.. *La civilisation de l'Égypte pharaonique*, Paris: Arthaud, 1971.
- Desroches-Noblecourt, Christianne. *La grande nubiede ou le parcours d'une égyptologue*, Paris: Éditions Stock/ Pernoud, 1992.
- _____. 1999. *Le secret des temples de la Nubie*, Paris: Editions Stock/ Pernoud, 1999.
- *Dictionnaire de l'Égypte ancienne*. Paris: Enciclopædia Universalis/ Albin Michel, 1998.
- Drioton, Étienne and Jacques Vandier. Jacques, *L'Égypte - des origines à la conquête d'Alexandre*, 5^a ed., Paris: P.U.F., 1975.
- Eggebrecht, Arne. *L'Égypte ancienne*, Paris: Éditions Bordas, 1986.
- Emery, W. B. *Egypt in Nubia*, London: Hutchinson, 1965.
- Emery, W. B., and H. S. Smith, A. Millard et al. *The forty-ninth Excavation Memoir. The fortress of Buhen. The archaeological report*, London: Egypt Exploration Society, 1979.
- Erman, A. and H. Ranke. *La civilisation égyptienne*, Paris: Payot, 1976.
- Flammini, Roxana. "Ancient core-periphery interactions: Lower Nubia during Middle Kingdom Egypt (CA 2050-1640 B.C.).", *Journal of World-Systems Research*, Volume XIV, Number 1, 50-74, 2008.
- Gardiner, Alan. 1916. "An Ancient List of Fortresses of Nubia", *Journal of Egyptian Archaeology* 3, 184-192.
- _____. *Egypt of pharaohs. An introduction*, Oxford: Clarendon Press, 1961.
- Gohary, Jocelyn. *Guide to the Nubian Monuments on Lake Nasser*, Cairo: The American University in Cairo Press, 1998.
- Gratién, Brigitte. "Départements et Institutions dans les Fortresses Nubiennes au Moyen Empire." In *Hommages à Jean Leclant. Vol. 2. Nubie, Soudan, Ethiopie*, 185-197, Cairo: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1994.
- Goyon, Jean-Claude and Jean-Claude Golvin, Claire Simon-Boidot, Gilles Martinet. *La construction pharaonique du Moyen Empire à l'époque gréco-romaine. Contexte et principes technologiques*, Paris: Picard, 2004.
- Grimal, Nicolas, *Histoire de L'Égypte ancienne*, Paris: Fayard, 1988.
- Haeny, Gerhard. "Sur certains aspects souvent perdus de vue lors de travaux de restauration." In *Prospection et sauvegarde des Antiquités de l'Égypte. Actes de la table*

- ronde organisée à l'occasion du centenaire de l'IFAO. 8-12 janvier 1981, 75-77, Paris: IFAO., 1981.*
- Heródoto. *L'Enquête. Livres I à IV* (Édition d'Andrée Barguet), Paris: Gallimard, 1985.
 - Hobson, Christine. "Nubian rescue." In *Exploring the world of the pharaohs. A complete guide to ancient Egypt, 172-177*, Londres: Thames & Hudson, 2002.
 - Husson, Geneviève and Dominique Valbelle. *L'état et les institutions en Égypte. Des premiers pharaons aux empereurs romains*, Paris: Arman Colin, 1992.
 - Kemp, Barry J. "El Imperio Antiguo, el Imperio Medio y el Segundo Periodo Intermedio" In *Historia del Egípto Antiguo*, editado por B. G. Trigger, B. J. Kemp, D. O'Connor, A. B. Lloyd (eds.), 98-230, Barcelona: Grijalbo, 1985.
 - _____. *Ancient Egypt: anatomy of a civilization*, Londres, 1989.
 - Lacovara, Peter. "Egypt and Nubia during the Second Intermediate Period." In *The Hyksos: New Historical and Archaeological Perspectives* edited by E. Oren, 69-83, Philadelphia: University of Pennsylvania Museum, 1997.
 - Laffont, Élisabeth. *Les livres des sages des pharaons*, Paris: Gallimard, 1979.
 - Lalouette, Claire. *Textes sacrés et textes profanes de l'ancienne Égypte. I. Des pharaons et des hommes*, Paris: Gallimard, 1984.
 - _____. *Textes sacrés et textes profanes de l'ancienne Égypte. II. Mythes, contes et poésie*, Paris: Gallimard, 1987.
 - _____. *Au royaume d'Égypte. Le temps des rois-dieux*, Paris: Fayard, 1991.
 - Leclant, Jean. *Abou Simbel et la Nubie*, Paris: Institut de France, 1986.
 - Lefebvre, Gustave. *Romans et Contes Egyptiens de l'époque pharaonique*, Paris: Librairie d'Amérique et d'Orient Adrien-Maisonneuve, 1949.
 - Lichteim, Miriam. *Ancient Egyptian Literature. Volume I. The Old and Middle Kingdom*, Berkeley/ Los Angeles/ London: University of California Press, 1975.
 - Liverani, Mario.. *El Antiguo Oriente. Historia. Sociedad y economía*, Barcelona: Critica, 1995.
 - Lopez, Jesús. *Cuentos y fábulas del Antiguo Egípto*, Barcelona: Editorial Trotta, 2005.
 - Maneton. *Historia de Egípto*, Madrid: Alianza Editorial, 1998.
 - Manley, Bill. *Atlas historique de l'Égypte ancienne. De Thèbes à Alexandrie: la tumultueuse épopée des pharaons*, Paris: Éditions Autrement, 1998.
 - Morkot, Robert G.. *The Black Pharaohs: Egypt's Nubian Rulers*, London: The Rubicon Press, 2000.
 - O'Connor, David. *Ancient Nubia: Egypt's rival in Africa*, Philadelphia: University of Pennsylvania, 1993.
 - O'Connor, David and Andrew Reid. *Ancient Egypt in Africa*, London: Institute Archaeology, University College, 2003.
 - Peroncel-Hugoz, Jean-Pierre. "L'identité nubienne sous les eaux du lac Nasser." in *L'Égypte ancienne 2. Les secrets du Haut-Nil*, 11-17, Paris: Éditions Tallandier, 1998.
 - Pritchard, James B. *Ancient Near Eastern Texts-Relating to the Old Testament (=ANET)*, 3^a ed. com suplemento, Princeton/ New Jersey: Princeton University Press, 1969.
 - Ramos, José Augusto Ramos, "Beduínos." In *Dicionário do antigo Egípto*, dirigido por Luís Manuel de Araújo, 145. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.
 - Ross, Larry. *Nubia and Egypt. 10,000 B.C. to 400 A.D. From prehistory to the Meroitic Period*, Lewiston/ Queenston/ Lampeter: The Edwin Mellen Press, 2013.
 - Roy, Jane. *The Politics of Trade. Egypt and Lower Nubia in the 4th Millenium BC*, Leiden/ Boston: Brill, 2011.
 - Sales, José das Candeias. "Administração." In *Dicionário do antigo Egípto*, dirigido por Luís Manuel de Araújo, 27-29. Lisboa: Editorial Caminho, 2001a.

- _____. Ásia." In *Dicionário do antigo Egípto*, dirigido por Luís Manuel de Araújo, 114, 115. Lisboa: Editorial Caminho, 2001b..
- _____. "Exército." In *Dicionário do antigo Egípto*, dirigido por Luís Manuel de Araújo, 351- 354, Lisboa: Editorial Caminho, 2001c.
- *Save the treasures of Nubia. Part I*. Paris: Unesco, 1960.
- Säve-Söderbergh, Torgny. *Temples and tombs of ancient Nubia*, Londres, 1987.
- _____. *Victoire en Nubie. La Campagne internationale de sauvegarde d'Abou Simbel, de Philae et d'autres trésors culturels*, UNESCO, 1992.
- Seidlmayer, Stephan. "The First Intermediate Period (c. 2160-2055 BC)." In *The Oxford history of Ancient Egypt*, edited by Ian Shaw, 118-147, London: Oxford University Press, 2000.
- Shaw, Ian. *The Oxford history of Ancient Egypt*, Londres:, Oxford University Press, 2000.
- Simpson, William Kelly. *The Literature of Ancient Egypt. An anthology of stories, instructions, and poetry*, New Haven/ London: Yale University Press, 1973.
- Smith, Harry S. et al. *The fortress of Buhen: the inscriptions, 48th Excavation Memoir*, London: Egypt Exploration Society, 1976.
- Smith, Stuart Tyson. "State and Empire in the Middle and New Kingdoms." In *Anthropology and Egyptology: A Developing Dialogue*, edited by J. Lustig, Sheffield, 66-89, Sheffield Academic Press, 1997.
- _____. *Ethnic identities and boundaries in Egypt's Nubian Empire*, London: Routledge 2003.
- Török, László. *Between two Worlds. The frontier region between Ancient Nubia and Egypt – 3700 BC – AD 500*, Leiden/ Boston: Brill, 2009.
- Trigger, Bruce. *Nubia under the Pharaohs*, London: Thames and Hudson, 1976.
- Valbelle, Dominique. *Les neuf arcs. L'Égyptien et les étrangers de la Préhistoire à la conquête d'Alexandre*, Paris: Armand Colin, 1990.
- _____. *Histoire de l'État pharaonique*, Paris: PUF, 1998.
- Vandersleyen, Claude. *L'Égypte et la Vallée du Nil. Vol. II. De la fin de l'Ancien Empire à la fin du Nouvel Empire*, Paris: Nouvelle Clío, 1995.
- Vernus, Pascal and Jean Yoyotte. *Les pharaons*, Paris: MA Editions, 1988.
- Vogel, Carola. *The fortifications of Ancient Egypt. 3000-1780 BC*, Oxford: Osprey Publishing, 2010.
- Waddell, W. G. *The Aegyptiaca of Manetho*, London: William Heinemann Ltd, 1948.
- Wildung, Dietrich. *L'âge d'or de l'Égypte. Le Moyen Empire*, Paris: PUF, 1984.
- _____. *O Egípto. Da Pré-história aos Romanos*, Lisboa: Taschen, 1998.
- Wilkinson, Richard H. *The complete temples of Ancient Egypt*, London: Thames & Hudson, 2000.
- Youssef, Ahmed Abdel-Hamid. "Le CEDAE: Bilan et perspective de sauvetage des monuments anciens." In *Prospection et sauvegarde des Antiquités de l'Égypte. Actes de la table ronde organisée à l'occasion du centenaire de l'IFAO. 8-12 janvier 1981*, 35, 36, Paris: IFAO, 1981.

N. B. As ilustrações deste artigo foram escolhidas pelo autor.